



## O PROJETO DE EXTENSÃO EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PERSPECTIVA INCLUSIVA E SUAS AÇÕES REMOTAS NA PANDEMIA: JOGOS POPULARES E CAPOEIRA

*THE SCHOOL PHYSICAL EDUCATION EXTENSION PROJECT IN THE INCLUSIVE PERSPECTIVE AND ITS REMOTE ACTIONS DURING THE PANDEMIC: POPULAR GAMES AND CAPOEIRA*

**Michele Pereira de Souza da Fonseca** - Doutora e Mestre em Educação (UFRJ). Licenciada em Educação Física (UFRJ). Professora da EEFD/UFRJ. E-mail: michelefonseca@eefd.ufrj.br

**Cintia Carolina Coelho** - Licencianda em Educação Física (UFRJ).  
E-mail: cintiacarolina9226@gmail.com

**Giovanna Trotte Caloeiro** - Licenciada em Educação Física (UFRJ).  
E-mail: giovannacaloiero@hotmail.com

### RESUMO

Este resumo pretende apresentar as experiências do Projeto de Extensão Educação Física Escolar na Perspectiva Inclusiva (PEFEPI) durante o ensino remoto, decorrente da pandemia da Covid-19. O projeto é vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e acontece em parceria com uma escola municipal do Rio de Janeiro, localizada na Ilha do Governador, fundamentando-se em uma perspectiva de inclusão ampla, que busca promover ações nas aulas de Educação Física por meio de estratégias pedagógicas inclusivas como diversificação de conteúdos e ensino colaborativo. Neste relato, apresenta-se a tematização de jogos populares e capoeira através de recursos *onlines* com o intuito de alcançar o máximo de estudantes, considerando as dificuldades e limitações que emergiram ou se intensificaram durante o período de distanciamento social.

**Palavras-chaves:** educação física escolar; pandemia; inclusão; extensão.

### ABSTRACT

This article intends to present the experiences of the School Physical Education Extension Project in the Inclusive Perspective (PEFEPI) during remote teaching resulting from the Covid-19 pandemic. This project is linked to the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) and takes place in partnership with a municipal school in Rio de Janeiro, located on Ilha do Governador. The project is based on a broad inclusion perspective that seeks to promote actions in Physical Education classes through inclusive pedagogical strategies such as content diversification and collaborative teaching. In this report, we present the theme of popular games and capoeira through online resources in order to reach the maximum number of students, considering the difficulties and

limitations that emerged or intensified during the period of social distancing.

**Keywords:** school physical education; pandemic; inclusion; extension.

## INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão Educação Física Escolar na Perspectiva Inclusiva (PEFEPI) atua em uma escola municipal do Rio de Janeiro localizada na Ilha do Governador, com o intuito de construir colaborativamente ações mais inclusivas nas aulas de Educação Física e assim ampliar a participação dos e das estudantes. O projeto é realizado pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Inclusão e Diferenças na Educação Física Escolar (LEPIDEFE) e é composto por estudantes e docentes de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e por professoras de Educação Física da escola municipal parceira do projeto.

A Educação Física escolar carrega um histórico excludente que prioriza rendimento, o desempenho e aptidão física, além de supervalorizar o esporte apresentando-o como conteúdo majoritário em relação aos outros conteúdos pertencentes a cultura corporal (SILVA, 2004; SILVA, 2008; FONSECA, 2014; COLETIVO DE AUTORES, 1992). Para ressignificar esse histórico, embasamos nossas ações-reflexões em um conceito de inclusão que é amplo, processual, infundável e dialético (SAWAIA, 2017; SANTOS; FONSECA; MELO, 2009; BOOTH; AINSCOW, 2012), que considera as singularidades dos(as) estudantes visando ampliar as possibilidades de participação a fim de minimizar as exclusões, além de considerar os marcadores sociais da diferença como deficiência, racialidade, gênero, sexualidade, etnia, classe social, aspectos geracionais, religiosidade e suas intersecções.

Além disso, o projeto utiliza estratégias pedagógicas inclusivas como a diversificação de conteúdos e o ensino colaborativo, que pretendem construir aulas de Educação Física mais participativas e dialógicas, conforme detalhamos nas produções Fonseca, Peres e Ludovino (2022); Amorim, Fonseca e Brito (2022); Caloiero, Coelho e Fonseca (2021) e Fonseca *et al.* (2020).

A diversificação de conteúdos possibilita a ampliação de experiências corporais, considerando os elementos da cultura corporal como danças, lutas, ginásticas, esportes, jogos e brincadeiras, bem como seus diversos desdobramentos, em favor de uma Educação Física escolar crítica e reflexiva que possa ampliar as possibilidades de participação e de identificação do(a) estudante com os conteúdos, atentando para a multiplicidade de corpos, interesses e necessidades. Esta estratégia pedagógica inclusiva visa diversificar os conteúdos e tudo inerente a estes, como as abordagens, as metodologias, as formas de avaliação, se distanciando da ênfase no rendimento e na prática pela prática (FONSECA; RAMOS, 2017).

O ensino colaborativo é um termo geralmente presente em estudos que envolvem a Educação Especial, como uma possibilidade do Atendimento Educacional Especializado que abarca todo o público-alvo da Educação Especial (pessoas com deficiência, transtorno do espectro autista<sup>1</sup> e altas habilidades/superdotação). Autoras como Braun e Marin (2016); Mendes, Almeida e Toyoda (2011); Vilaronga e Mendes (2014) afirmam que o ensino colaborativo acontece com o trabalho do professor(a) regente da classe regular em parceria com um docente especialista em Educação Especial, focado(a) na assistência prioritária aos estudantes citados acima.

Inspiradas por essa elaboração, adotamos a nomenclatura “ensino colaborativo” para as

<sup>1</sup>A partir do DSM-V as nomenclaturas transtorno de Asperger e transtorno global do desenvolvimento estão consideradas em transtorno do espectro autista (APA, 2014).

ações do PEFEPI, entretanto, incluímos todo o público-alvo da educação especial e também os demais estudantes da turma em consonância com o conceito amplo de inclusão que nos embasa. Nossa ação colaborativa se dá através da parceria entre todos(as), desenvolvendo uma ação pedagógica conjunta entre as professoras regentes, a coordenadora do projeto e os(as) estudantes extensionistas, considerando as necessidades específicas e singularidades dos(as) envolvidos(as), de acordo com a perspectiva inclusiva.

Evidenciamos que o projeto possui suas ações em proximidade com os pressupostos Freireanos que englobam a dialogicidade, a criticidade e a autonomia dos(as) participantes, elaborando coletivamente as ações pedagógicas desde o planejamento, a execução das aulas e os processos de avaliação com os(as) educandos(as) e não somente para eles(as) (FREIRE, 2011), de modo a valorizar a horizontalidade das relações e o protagonismo estudantil. As diretrizes da extensão universitária, interação dialógica, interdisciplinaridade, indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão, interprofissionalidade, impacto na formação do estudante e impacto na transformação social também se fazem presentes nas ações cotidianas do projeto (FORPROEX, 2012).

Esse projeto foi criado em 2015, mas acontecia em outro espaço educacional. Desde 2017 atuamos em parceria com a escola pública referida neste artigo, que se situa na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, num bairro de classe média, porém que recebe estudantes das favelas do entorno. Como atuamos em todas as turmas do sexto ao nono ano do ensino fundamental, no Projeto Carioca<sup>2</sup> e no Programa de Jovens e Adultos (PEJA), vivemos intensamente o cotidiano escolar junto com os(as) estudantes, além das reuniões semanais de planejamento e discussão das aulas.

Em março de 2020, por consequência da pandemia da Covid-19, nos deparamos com o início do distanciamento social em que as aulas presenciais foram suspensas, o que nos levou a pensar coletivamente sobre novas possibilidades de realizar as aulas longe da escola e dos(as) estudantes. Em vista disso, mantivemos nossas reuniões semanais remotamente, utilizando plataformas digitais de reuniões *online*, cultivando sempre um olhar atento e sensível para considerar todas as dificuldades e limitações que surgiram ou se aprofundaram durante esse triste período da história da humanidade, em consonância com o que aponta Boaventura de Souza Santos (2020, p. 15) “qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros”.

As estratégias pedagógicas inclusivas citadas já eram utilizadas pelo PEFEPI antes desse período remoto que a pandemia do Covid-19 e o distanciamento social nos remeteu, portanto, todas as experiências que forem narradas aqui, são debruçadas nesses princípios. Deste modo, este artigo objetiva apresentar as ações extensionistas que desenvolvemos no projeto durante o ensino remoto de julho a setembro de 2020 com jogos populares e capoeira, bem como refletir sobre seus desdobramentos.

## METODOLOGIA

Para o desenvolvimento das atividades do projeto, utilizamos como metodologia a pesquisa-ação, que intenciona buscar um diagnóstico da realidade investigada, por meio de uma pesquisa social, na tentativa de descobrir resultados alcançáveis para questões consideradas problemáticas e transformá-las, objetivando “[...] obter informações que seriam de difícil acesso por meio de outros procedimentos, aumentar nosso conhecimento de determinadas situações (reivindicações,

<sup>2</sup> Turmas que reúnem estudantes com defasagem idade-série.

representações, capacidades de ação ou de mobilização, etc.)” (THIOLLENT, 2011, p. 18). O autor citado reforça a potencialidade que o professor pesquisador tem de intervir em problemáticas sociais usando de práticas pessoais de formar e construir novos saberes, articulando com reflexões quanto às possibilidades de transformação da realidade encontrada com o objetivo prático-teórico.

Assim que recebemos a notícia de que as atividades da Universidade Federal do Rio de Janeiro ocorreriam de maneira remota, todos os integrantes do PEFEPi (a professora coordenadora e estudantes extensionistas da UFRJ, bem como duas professoras regentes da escola) se reuniram em encontros semanais por meio de uma plataforma de reuniões *online*, para planejar e debater as ações que seriam realizadas junto as turmas.

Instrumentalizando nossas estratégias pedagógicas inclusivas, nós, integrantes do PEFEPi, junto aos estudantes, concordamos de maneira coletiva tematizar um conteúdo a cada dois meses, de forma a não os sobrecarregar nesse período difícil, considerando as questões emocionais e sanitárias vinculadas à disseminação do vírus, além de ponderar, também, as questões estruturais defasadas em termos de equipamentos, internet e plataformas apropriadas ao ensino remoto.

Os registros presentes neste artigo, são consequentes dos conteúdos sobre jogos populares e capoeira, baseado nos registros dos diários de campo de extensionistas envolvidos nas aulas das turmas do oitavo e nono ano do ensino fundamental, com faixa etária entre 12 e 16 anos.

## RELATANDO E ANALISANDO AS EXPERIÊNCIAS

Diante da confirmação da pandemia decorrente do novo coronavírus e o distanciamento social, foi preciso construir estratégias de enfrentamento e soluções a partir dessa nova realidade. Deste modo, ao planejarmos novas possibilidades de ações pedagógicas, sugerimos como tematização nos meses de julho a setembro de 2020: Jogos Populares e Capoeira.

A escolha do primeiro tema surgiu a partir de um diálogo com os(as) estudantes após a tematização do conteúdo Lazer, em que foi discutido sobre quais as atividades feitas por eles(as) em seus momentos de ócio, permitindo, assim, o surgimento de ideias de jogos adequados para serem jogados em casa, vista a situação de distanciamento social em que se encontravam. A partir disso, decidimos coletivamente tematizar Jogos Populares.

Ao abordarmos o primeiro conteúdo, construímos com os(as) estudantes uma atividade baseada num vídeo do *TikTok*<sup>3</sup> com o intuito de entender e conhecer a realidade deles(as) a respeito do tema. Então, junto aos estudantes propusemos uma atividade inspirada no vídeo do aplicativo que contém a música ‘Eu Nunca, Eu Já’ da cantora Angel<sup>4</sup>. Nesse aplicativo é possível editar e fazer com que a tela seja separada em duas, uma com o título ‘eu nunca’ e a outra ‘eu já’. Assim, de acordo com as perguntas que contém na letra da música, os(as) estudantes puderam responder se posicionando na área da tela em que está a resposta desejada.

Para esta atividade, a letra da música foi modificada para que estivesse relacionada com o tema da aula “jogos populares” e as perguntas da letra da música foram substituídas por: “Já pulei amarelinha? Já joguei bola de gude? Brinquei de pique esconde? Joguei taco com amigos/as? Brinquei de elástico na rua? E de jogar pião no chão? Brinquei de corda fogueiro? Já joguei garrafão? Joguei queimado com amigos/as? Brinquei de pique bandeira? E de polícia e ladrão?”.

A partir da elaboração da atividade, criamos um guia com o passo a passo para orientação

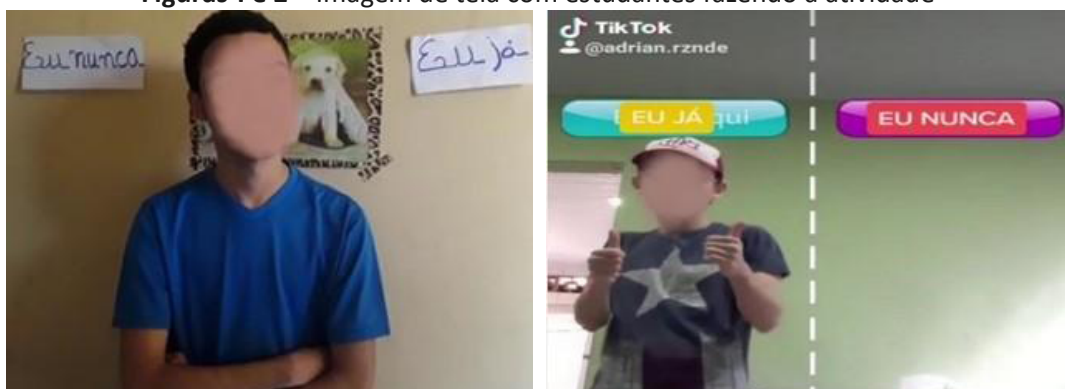
<sup>3</sup> Aplicativo de mídia para compartilhar vídeos curtos.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ONa4NbLzTg0>

da instalação e utilização do aplicativo para quem tivesse essa possibilidade tecnológica. Como supomos, a partir das devolutivas dos(as) estudantes nos deparamos com aqueles(as) que tiveram dificuldades de participar da atividade por não possuir celular disponível com capacidade suficiente para baixar o aplicativo ou com acesso à internet adequada. Além disso, houve um caso específico em que a religião de um determinado estudante não permitia fazer uso do aplicativo.

Como forma de solucionar essas questões e ampliar as alternativas de participação da atividade, pensamos coletivamente em outras maneiras para que esses(as) estudantes explorassem a imaginação e criatividade no desenvolvimento da tarefa. Alguns então, propuseram colar um papel do lado direito da parede escrito 'eu nunca', e do lado esquerdo escrito 'eu já', pediram para alguém da família filmar e ao decorrer das perguntas cantadas na música, se direcionaram para a esquerda ou para a direita, a fim de responder ao que se perguntava.

**Figuras 1 e 2** – Imagem de tela com estudantes fazendo a atividade



**Fonte:** acervo das autoras (2020)

Tais possibilidades pensadas em conjunto se aproximam do conceito de inclusão que aqui nos respalda, pois sempre pensamos em solucionar problemáticas que possam surgir ao longo das nossas ações, a fim de possibilitar a participação plena dos(as) estudantes e assim diminuir as exclusões, além de corroborar com o conceito de extensão e inspiração Freireana que horizontaliza ações, construindo saberes coletivamente sem hierarquização (FREIRE, 2011).

Diante do retorno dos(as) estudantes, identificamos variadas formas de diálogos entre eles(as) e seus familiares, pois a maioria dos vídeos enviados continham a presença de algum membro do núcleo familiar. Essa interação foi muito relevante, pois percebemos a interlocução entre gerações: irmãos mais velhos, pais, mães, avós e tios dos(as) estudantes reproduzindo vídeo de um aplicativo que é usualmente da geração atual que se depara com brincadeiras comuns da época dos seus responsáveis.

A situação a respeito do coronavírus e da quarentena ainda eram muito novas para todos(as) nós àquela altura e tudo isso refletiu nas nossas ações pedagógicas e conseqüentemente na vida escolar dos(as) estudantes. Em vista disso, percebemos a necessidade ainda maior de compreensão da realidade dos(as) estudantes que estariam conosco, como ressalta Paulo Freire, “Procurar conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impõe: sem isso não temos acesso à maneira como pensam, dificilmente então podemos perceber o que sabem e como sabem” (FREIRE, 2015a, p. 96).

Para aula síncrona seguinte à atividade do ‘Eu nunca, Eu Já’ propusemos um momento de escuta ativa juntos aos estudantes, a fim de entender como estavam passando por aquele momento, se estavam conseguindo estudar, se estavam conseguindo realizar as atividades, se as mesmas estavam demasiadamente exaustivas, e o que sugeririam para as próximas atividades

na medida do que lhes era possível. Tivemos uma troca muito importante em que nós docentes, extensionistas e estudantes dialogamos sobre maneiras de se sentir melhor naquele momento crítico como conversar *online* com colegas e familiares, ouvir músicas, assistir séries ou filmes e ler livros.

Em seguida, fizemos um *Google* formulário com intuito de propor esse momento de escuta também para os(as) estudantes que não puderam participar da aula síncrona. Nele continha espaços para que o(a) estudante comentasse como foi a experiência da última proposta desenvolvida e para os(as) que ainda não tinham realizado a atividade, foi compartilhado novamente a proposta e as instruções para poder realizá-la. Por fim, havia as seguintes perguntas: “Sobre a experiência das chamadas de vídeo, conseguiu participar de alguma? O que achou? Toparia um novo encontro? Que tipo de atividades assíncronas vocês preferem realizar? Queremos aprender com vocês!! Indique-nos jogos, séries e filmes”.

As palavras ‘síncrono’ e ‘assíncrono’ eram novas para todos(as) nós nos primeiros meses da pandemia, estávamos fragilizados como toda a crise sanitária, econômica e social, tentando nos apoiar mutuamente e pensando coletivamente algumas possibilidades de nos aproximarmos.

As devolutivas foram bastante impactantes e tristes para as professoras. Os(as) estudantes puderam apontar o quanto estava sendo difícil acompanhar as atividades e aulas síncronas devido à falta de internet de qualidade. A maioria precisava do celular dos responsáveis para acessar as aulas, muitos tinham a incumbência de cuidar da casa e dos irmãos menores enquanto os(as) responsáveis trabalhavam. Muitos se sentiram sobrecarregados devido à quantidade de atividades disponibilizadas pelos professores(as) das outras disciplinas sem um acompanhamento efetivo e esse conjunto de acontecimentos afastou alguns de uma participação ativa.

Os(As) estudantes expressaram o quanto esse acolhimento e escuta ativa estava sendo um diferencial para a participação deles(as) e expressaram que as atividades passadas através do *Google* formulário eram mais acessíveis, principalmente por se tratar de uma ferramenta que não exige baixar algum aplicativo, sendo assim não ocupa espaço na memória do aparelho.

Após o formulário, em todas as aulas síncronas, reservamos um momento da aula somente para a escuta e troca de experiências, para que assim pudéssemos alcançar uma sensação de acolhimento, que através do formulário assíncrono percebemos a necessidade. Nesses momentos, pudemos trocar indicações de atividades, filmes, livros, que ajudaram a distrair e nos sentir melhores nesse período tão complicado, conforme relatam as extensionistas: “Os estudantes do 9º ano compartilharam indicações de séries como: *Anne withan E; Coisa Mais Linda e animes*” (Trecho do diário de campo da Extensionista 2, 2020).

Relato as falas de uma estudante do 9º ano que me impactou bastante. Ela disse que está muito difícil acompanhar tudo, pois todas as disciplinas têm passado muitas atividades para fazer em casa e muitas vezes têm que fazer sem nenhuma ajuda. Relatam ainda que tem tido bastante dificuldade pois também precisa tomar conta do irmão e arrumar a casa. (Trecho do diário de campo da Extensionista 1, 2020)

Após a tematização de Jogos Populares, o projeto de extensão coletivamente se pôs a pensar a próxima temática. A partir da lembrança do dia 3 de agosto em que comemora o dia do Capoeirista, decidimos tematizar capoeira. Ressaltamos que Capoeira é um conteúdo da Educação Física Escolar a ser tematizado em qualquer momento do ano letivo com o objetivo de valorizar a cultura afro-brasileira e não somente em datas festivas mais conhecidas. A partir disso, sempre buscamos pensar em justificativas para nossa escolha e de que forma este tema atravessa a perspectiva inclusiva e todos os desdobramentos que podemos construir com o conteúdo e alcançar os objetivos.

A Capoeira se constituiu como uma manifestação corporal praticada por uma parcela da população historicamente subalternizada e inferiorizada pela sociedade, levando seus praticantes a serem presos somente por ser uma prática malvista socialmente (MALDONADO, 2016). Percebemos que esta temática vai ao encontro da perspectiva inclusiva ao diversificar os conteúdos comumente presentes nas aulas de Educação Física e ao valorizar temáticas geralmente invisibilizadas. De acordo com Fonseca (2014), existem diversas exclusões, dentre essas, as que englobam questões raciais, étnicas e culturais. Para além disso, vemos a obrigatoriedade no tratamento dos temas da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena no contexto escolar, com base nas leis federais nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 (BRASIL, 2003, 2008).

Exploramos o conhecimento, junto aos estudantes, sobre essa manifestação da cultura corporal e reflexões que a temática nos possibilita. Para isso, utilizamos a ferramenta *Google* formulário contendo textos informativos para contextualizar a história da capoeira e sua origem, uma luta brasileira criada por negros escravizados trazidos da África, sua importância como patrimônio histórico-cultural imaterial brasileiro, a 'abolição' da escravatura que não garantiu nenhum tipo de reparação, acesso a direitos básicos ou forma de subsistência aos negros escravizados após a sanção da Lei Áurea e a marginalização da luta. Na sequência, havia perguntas relacionadas ao texto que foram disponibilizadas aos estudantes através do nosso canal de comunicação, sempre tentando atingir o máximo de estudantes possíveis. Além do *link* do *Google* formulário, disponibilizamos de variadas formas como PDF e formato impresso disponíveis na escola.

Por conseguinte, na aula síncrona posterior ao preenchimento do formulário, propusemos um debate acerca do entendimento, percepção e opinião dos(as) estudantes quanto ao que foi estudado através do formulário. Como resultado, tivemos discussões bem intensas e problematizações muito pertinentes, principalmente relacionadas ao racismo, assim como este relato de uma estudante do nono ano: "Gostaria de dar os parabéns! Eu acho muito importante passar as atividades sobre a vida dos povos escravizados e a capoeira" (Trecho do diário de campo da Extensionista 1, 2020).

As discussões da aula de hoje foram muito agregadoras. Foi uma das primeiras aulas síncronas que os estudantes realmente se sentiram mais à vontade em expor suas opiniões e reflexões dentro desse formato remoto, nos trazendo grande satisfação e uma sensação de estar mais próximo do objetivo. Além disso, foi muito bacana ver o descontentamento dos estudantes ao perceberem que a história da capoeira no Brasil é marcada por um racismo exacerbado. (Trecho do diário de campo da Extensionista 2, 2020).

Como forma de articular com o conteúdo e para enriquecer ainda mais nossas discussões, propusemos um cine debate sobre o curta "*Xadrez das Cores*"<sup>5</sup>, uma obra de Marcos Schiavon, disponível gratuitamente no *YouTube*. O curta envolve xadrez, racismo, favela e desigualdade social, relatando o cotidiano e a relação de embate entre uma patroa branca e uma mulher negra que a ela oferece seus serviços domésticos, fazendo uma analogia com as peças do xadrez que são de cores pretas e brancas.

Em aula síncrona, assistimos ao curta juntos e em seguida pedimos que os estudantes compartilhassem suas percepções e reflexões acerca do filme. Como de costume, o PEFEPI busca alternativas inclusivas para ampliar a participação e identificação de todos e todas. Nesse sentido, além de indicarmos um filme que fosse de acesso gratuito, para aqueles(as) que não puderam estar presentes de forma síncrona, compartilhamos o *link* do curta e sugerimos que enviassem seus relatos através de áudios, frases, desenhos ou vídeos.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NavkKM7w-cc>

Após a dinâmica, observamos que os(as) estudantes assimilaram a temática racismo com a história da escravidão e capoeira no Brasil que foi abordada no formulário que introduziu o conteúdo em questão. Além de prontamente identificarem os atos de racismo cometidos pela patroa branca, entenderam e apontaram suas percepções e reflexões acerca do que foi apresentado, como relatado no diário de campo extensionista 1.

Notei que ao decorrer da discussão os/as estudantes apontaram alguns termos racistas utilizados com frequência hoje em dia, como por exemplo, “mercado negro” e “inveja branca” que evidencia como as pessoas relacionam o termo negro a algo ruim e inferior. (Trecho do diário de campo da Extensionista 1, 2020).

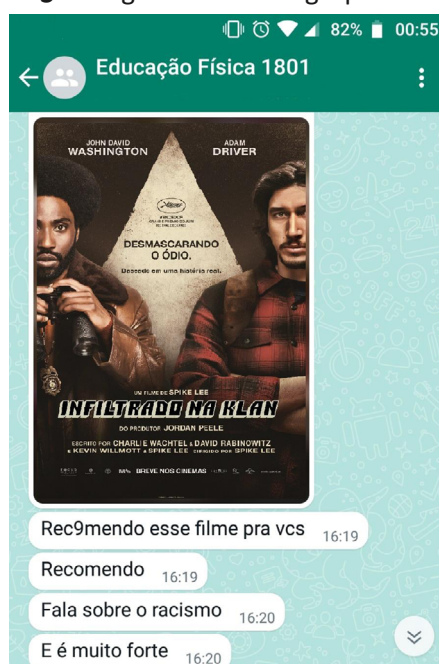
Pudemos debater um pouco sobre o racismo e esse conjunto de falas e hábitos que estão inseridos na nossa cultura, enraizados na estrutura histórica que percebe a pele negra e seus traços como algo inferior e negativo. Muitas vezes reproduzimos essas frases sem nem entender do que se trata ou o contexto histórico que elas carregam, decorrência da própria estrutura social em que cotidianamente o racismo está presente nas relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares. O racismo é estrutural (ALMEIDA, 2019).

Os(as) estudantes contribuíram para a discussão ao compartilharem através da chamada de vídeo e do *chat* experiências pessoais, tirinhas e nomes de filmes que tinham alguma relação com o racismo como forma de dialogar com o tema da aula.

Durante a aula, um estudante do oitavo ano compartilhou no grupo do *WhatsApp* da turma, a indicação do filme *Infiltrado na Klan* que retrata o racismo, afirmando o quão impactante é. (Trecho do diário de campo da Extensionista 2, 2020)

Tivemos muitas trocas e contribuições no decorrer do debate, e alguns estudantes indicaram-nos, filmes que abordassem o racismo em sua trama, uma estudante falou sobre *Cidade de Deus* e outro estudante indicou *Olhos que Condenam*. (Trecho do diário de campo da Extensionista 1, 2020).

**Figura 3** - Imagem de tela do grupo da turma.



**Fonte:** acervo das autoras (2020)



Outro ponto bastante impactante desses encontros, foi a força dos(as) estudantes em prontamente mostrarem sua indignação a respeito do racismo. Como foi registrado no diário de campo das extensionistas:

Relato a fala de uma estudante do 9º ano que penso ser muito forte. ‘O racismo é horrível e não deveria existir, afinal nós somos todos iguais e o que realmente importa é o que temos por dentro, todos temos sentimentos, se a gente se machuca sangra igual, todos precisamos ir ao banheiro igual, o que temos por fora são só características’ (Trecho do diário de campo da Extensionista 1, 2020).

Retrato aqui a fala de um estudante: ‘Não sei muito bem como falar sobre isso, pois é um assunto muito pesado e triste, escravidão, racismo, não é brincadeira! quem faz isso é muito ruim e sem educação! Eu quero que o racismo acabe, porque eu gosto de pessoas negras e quero que brancos e negros vivam bem juntos’ (Trecho do diário de campo da Extensionista 2, 2020).

Segundo informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) analisadas pela Agência Lupa (2019), 19,2 milhões de habitantes do Brasil se declaram como pretos, e 89,7 milhões se declaram pardos, com um total de 209,2 milhões de habitantes do país. Ou seja, a maior parte da população brasileira não é branca.

Em um país onde a maioria dos habitantes são pessoas pretas e pardas, é imprescindível que se problematize sobre as práticas corporais afro-brasileiras e indígenas e não somente as europeias, para que haja valorização das mesmas e fortalecimento da identidade desses(as) estudantes.

Gomes (2003) afirma que se nos orgulhamos do aspecto pluricultural da sociedade brasileira, temos o dever de criar condições em que a diversidade do nosso povo seja respeitada. A autora também mostra que um dos espaços socioculturais em que a diversidade se faz presente é na escola. Nóbrega também sinaliza que

[...] a educação física antirracista é uma reivindicação para a reparação histórica, que se atenta ao princípio de empoderamento, incorporando os saberes necessários, produzidos pelo(s) movimento(s) negro(s) para reafirmar o direito à diferença na cultura corporal, na realidade escolar como processo de enfrentamento no combate ao racismo, às desigualdades e às discriminações (2020, p. 58).

Essa é uma pauta que definitivamente devemos nos engajar na escola e a Educação Física abre muitas possibilidades para esta efetivação ao propor práticas corporais e reflexivas na direção da desconstrução de discursos racistas, com conteúdos que valorizem as culturas africanas e afro-brasileiras, desmitificando o mito da democracia racial e apontando para problematização de situações racistas corriqueiras do cotidiano social brasileiro que insistem em se fazer presentes ainda hoje.

A educação na perspectiva inclusiva passa por lutar por uma educação crítica como prática da liberdade. Freire (2015b) critica a educação como prática de dominação e ressalta uma educação que não se dá pela alienação, mas sim através da ação e reflexão das pessoas sobre o mundo, para assim poder transformá-lo. Logo, é fundamental que se olhe a história com ênfase crítica, para que dessa forma, possamos transformar o presente e sonhar um futuro mais justo socialmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs-se socializar as ações do projeto na escola municipal durante o período de distanciamento social que nos impôs a pensar outras possibilidades para a realização das aulas. Foi possível, diante desse cenário, pensar e elaborar propostas pedagógicas por meios remotos, com intenção de corroborar para que o máximo de estudantes possíveis fossem alcançados.

Essas ações nos possibilitaram refletir e debater com os demais integrantes do projeto, juntamente com os(as) estudantes da escola, de que forma tornar as propostas mais acessíveis, sem sobrecarregá-los. Abrimos espaços para escutá-los e acolher suas sugestões e angústias diante das dificuldades que durante o período pandêmico se agravaram, como por exemplo o acesso à internet, falta de espaços adequados para acompanharem os encontros, sobrecarga de tarefas e responsabilidades dos(as) estudantes dentro de casa, entre outros.

A diversificação de conteúdos e o ensino colaborativo como estratégias pedagógicas inclusivas se mostraram potentes, mesmo em condições adversas, pois nossa proposta consistiu na construção dialógica e coletiva que nos possibilitou minimamente abrandar as dificuldades e possíveis exclusões dos(as) estudantes durante as aulas remotas.

Longe de querer romantizar o momento mais tenebroso da nossa história recente, essa experiência narrada deseja ressaltar a importância do trabalho coletivo e horizontalizado, o acolhimento aos estudantes e o sentimento de pertencimento em relação à escola mesmo durante o distanciamento social. Mas, sobretudo, deseja valorizar a educação pública e quem a constrói cotidianamente, mesmo em condições estruturais e sociais precárias.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

AMORIM, J.; FONSECA, M.; BRITO, L. "Bruna fechou o gol hoje": o futebol como tecnologia sexopolítica na Educação Física escolar. **Revista Periferia**, v. 14, n. 1, p. 88-109, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/62975/42083>. Acesso em: 3 mar. 2023

BOOTH, T.; AINSCOW, M. **Index para a inclusão: desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola**. Rio de Janeiro: LAPEADE, 2012.

BRASIL. **Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Diário Oficial da União, 2003.

BRASIL. **Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008**. Brasília: Diário Oficial da União, 2008.

BRAUN, P.; MARIN, M. Ensino colaborativo: uma possibilidade do Atendimento Educacional Especializado. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 17, n. 35, p. 193-215, set./dez. 2016. Disponível em: [https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723817352016193/pdf\\_157](https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723817352016193/pdf_157). Acesso em: 14 dez. 2022.

CALOIRO, G.; COELHO, C.; FONSECA, M. Projeto de extensão Educação Física escolar na perspectiva inclusiva: possibilidades no ensino remoto. **Temas em Educação Física escolar**, v. 6, n. 3, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/3501>. Acesso em: 3 mar. 2023.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

FONSECA, M. **Formação de professores de Educação Física e seus desdobramentos na perspectiva dos processos de inclusão/exclusão: reflexões sobre Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro,

2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://ppge.educacao.ufrj.br/Teses2014/tmichelifonseca.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2023.

FONSECA, M.; PERES, M.; LUDOVINO, R. Lutas brasileiras no projeto de extensão Educação Física escolar na perspectiva inclusiva: desafios e problematizações. **Revista Interfaces (UFMG)**, v. 10, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/29538>. Acesso em: 3 mar. 2023.

FONSECA, M. *et al.* Jogos africanos no projeto de extensão Educação Física escolar na perspectiva inclusiva. **Cadernos da Educação Básica**, v. 6, p. 1-17, 2021. Disponível em: <http://cp2.g12.br/ojs/index.php/cadernos/article/view/3213>. Acesso em: 3 mar. 2023

FONSECA, M.; RAMOS, M. Inclusão em movimento: discutindo a diversidade nas aulas de educação física escolar. *In*: PONTES JUNIOR, J. (org.). **Conhecimentos do professor de Educação Física escolar**. Fortaleza, EdUECE, 2017. p. 184-208.

FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015a.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015b.

GOMES, N. L. Educação e diversidade Étnico-cultural. *In*: RAMOS, M. N.; ADÃO, J. M.; BARROS, G. M. N. **Diversidade na educação: reflexões e experiências**. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2003.

MALDONADO, D. **Os bastidores da Educação Física na escola pública paulistana: a percepção da realidade cotidiana**. São Paulo, 2016. Tese (Doutorado em Educação) -Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://docplayer.com.br/115395577-Universidade-de-sao-judas-tadeu-programa-de-pos-graduacao-stricto-sensu-doutorado-em-educacao-fisica.html>. Acesso em: 28 fev. 2023.

MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A.; TOYODA, C. Y. Inclusão escolar pela via da colaboração entre educação especial e educação regular. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 41, p. 81-93, jul./set. 2011.

NÓBREGA, C. C. S. Por uma Educação Física antirracista. **Revista Brasileira de Educação Física Esporte**, São Paulo, p. 51-61, jul. 2020.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, M.; FONSECA, M.; MELO, S. **Inclusão em Educação: diferentes interfaces**. Curitiba: CRV, 2009.

SAWAIA, B. (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2017.

SILVA, A. **O princípio da inclusão em Educação Física escolar: um estudo exploratório no município de São João Del Rei**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/174>. Acesso em: 28 fev. 2023.

SILVA, K. **Criatividade e inclusão na formação de professores: representações e Práticas Sociais**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de

Janeiro, 2008. Disponível em: [https://ppge.educacao.ufrj.br/teses/tese\\_katia\\_regina\\_xavier\\_da\\_silva.pdf](https://ppge.educacao.ufrj.br/teses/tese_katia_regina_xavier_da_silva.pdf). Acesso em: 28 fev. 2023.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VILARONGA, C.; MENDES, E. G. Ensino colaborativo para o apoio à inclusão escolar: práticas colaborativas entre os professores. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 95, n. 239, p. 139-151, jan./abr. 2014.

**Data de recebimento:** 21-12-2022

**Data de aceite para publicação:** 14-03-2023